Pesquisa “Pé preto, pé vermelho: reforma das ruas no Aglomerado da Serra”

Profa. Fabiana Chaves Gomes

Histórico de vilas e favelas

Nas pesquisas que fizemos nos livros, em especial o livro “Vila Viva”, e no site da prefeitura de Belo Horizonte e da URBEL, fizemos um resumo sobre o histórico de vilas e favelas do Aglomerado da Serra em Belo Horizonte. Segue a pesquisa que fizemos:

Breve histórico de vilas e favelas

Vilas e favelas são regiões que ao longo da história do Brasil não foram priorizadas pelas políticas públicas de saneamento básico e pavimentação. Muitas pessoas sem condições financeiras recorrem às áreas menos valorizadas do meio urbano, destituídas de saneamento básico bem como de outros serviços essenciais, para construir suas moradias.

As favelas chegaram a Belo Horizonte antes de a cidade ser inaugurada. Planejada para ser o centro político administrativo do Estado, segundo padrões arquitetônicos e urbanísticos os mais avançados da época, a nova capital priorizou a distribuição de moradias para o funcionalismo, mas não previa alojamento dos trabalhadores que a construíram. Havia o sentimento de que eram temporários. O processo de ocupação do solo foi controlado, desde o início, pelo poder Público, que o utilizou como forma de privilegiar servidores públicos e agradar velhos burocratas, proprietários de imóveis e comerciantes de Ouro Preto que a princípio resistiam à nova capital. (Guimaraes,1992, p.11). Ignorados, os operários promoveram duas invasões ainda em 1985, portanto, dois anos antes da inauguração da nova capital. Instalaram-se no Córrego do Leitão e na favela do Alto da Estação, somando cerca de 3 mil pessoas.

Na década de 1930, Belo Horizonte possuía mais de 100 mil moradores e experimentou uma nova concepção de modernização e planejamento urbanístico. Agora sobre pretexto de conter a desordem urbana e evitar danos á população em geral, como as doenças, na falta de saneamento básico, o poder público começou a remoção de favelas, mesmo as da periferia. A associação entre as vilas carentes e a marginalidade agora era mais explicita e

só escapavam da nova onda de destruição aquelas erguidas nas partes mais altas, de difícil urbanização e, claro, de menor interesse imobiliário.

Na década de 1940, a explosão demográfica empurrou os pobres para as divisas com outros municípios, especialmente a cidade industrial. Em 1955, no meio do balanço que a política produzia no país, esperança e decepção se alternavam: a Prefeitura criou o Departamento de Bairros Populares, cuja missão seria garantir casas para todos os que fossem removidos a partir de então. Fez apenas um conjunto habitacional, o Santa Maria, perto da Raja Gabaglia, próximo ao instituto de oncologia, para receber famílias que moravam onde foi construída a barragem Santa Lúcia, mas as remoções nunca cessaram.

Em 1963 houve um Seminário Nacional de Habilitação e Reforma Urbana no país, criando um clima favorável, a ponto de o governo de Minas ter prometido construir casas para os 120 mil moradores de vilas e favelas daquela época. Veio o golpe militar. Então, tudo foi parar na estaca zero. Pior as associações de vilas e favelas foram declaradas subversivas e seus líderes, presos.

A década de 70 foi ainda mais cruel para as favelas de todo país. Houve explosão de urbanização das cidades e quem vinha do interior precisava de um lugar para morar. O que já era apertado ficou espremido para receber mais famílias e as lajes de barracos receberam novos lares. Em 1986 a prefeitura criou a URBEL Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte para viabilizar a urbanização das favelas.

Na primeira metade da década de 1990, estudo da URBEL constatou que a população de vilas e favelas cresceu proporcionalmente mais que a do Município. Enquanto a população da cidade aumentou na taxa de 0,5%, a das vilas subiu 3,5%.

Aglomerado da Serra

É composto por seis vilas, Vila Nossa Senhora da Conceição e Vila Nossa Senhora da Aparecida são as mais antigas, Nossa senhora de Fátima, Marçola, Cafezal, Novo São Lucas.

Nossa Senhora da Conceição

Inicialmente chamada de “Favela do Capivari”, seus primeiros moradores vieram do interior do Estado, principalmente das cidades de Raul Soares, São Pedro dos Ferros, Rio Casca, Montes Claros e Teófilo Otoni há mais de 80 anos. Até a década de 80 o visual se conservava praticamente inalterado, com muita área verde e boa relação de vizinhança.

Os primeiros barracões eram de folhas de zinco, tábua e papelão. Mais tarde começaram a surgir moradias de adobe e somente por volta dos anos 70 foram erguidas as primeiras residências de alvenaria.

Em 1968 os moradores criaram a primeira associação comunitária. Em 1970 a modernidade da luz elétrica chega à vila através de ligações clandestinas. No mesmo período, a comunidade também conquista as primeiras melhorias de urbanização e rede de água por intermédio do Programa de Desenvolvimento da Comunidade (Prodecom).

Nossa Senhora Aparecida

A vila Nossa Senhora Aparecida já foi chamada “Pau Comeu”, existe desde a metade do século passado, mas até a década de 1970 contava com poucos moradores e necessitava de serviços básicos com água e luz.

Os moradores buscavam água em dois chafarizes nas ruas Mica e Oriental ou em uma mina na rua Monte Alegre, onde hoje está localizado o reservatório da Copasa. A água tratada chegou à comunidade apenas em 1983. Primeiramente na Rua Monte Alegre, de onde era “puxada” para as outras moradias. A rede elétrica também começou a ser implantada nesta época, antes disso algumas moradias tinha luz puxada de “bicos”.

A grande maioria dos ocupantes pioneiros é proveniente do interior de Minas Gerais e da Bahia. Aos poucos, com a vinda de mais pessoas do interior, geralmente parentes ou amigos dos moradores já assentados, a comunidade a se expandir.

Nossa senhora de Fátima

A vila Nossa Senhora de Fátima tem mais de 60 anos. Antes, era apenas uma trilha para passagens de animais, que transportavam parte das mercadorias, o restante seguia nas costas das pessoas. Apenas há duas décadas as primeiras ruas e becos foram abertos, época em que chegou a luz, ainda assim por meio de “gatos”.

Os primeiros assentamentos ocorreram por volta de 1976 na área da Primeira Água, na divisa com a Segunda Água e as vilas Marçola e Fazendinha. Existiam apenas três casas na área que era permanentemente vigiada pela polícia para não ser invadida, o que foi em vão. Já a ocupação da parte da vila que faz limite com as vilas Fazendinha, Marçola e o Parque das Mangabeiras, e que era usada como pasto para animais, ocorre a partir da década de 80.

Em 1993 foi fundada a Associação Comunitária da Vila Fátima, que substituiu a antiga associação criada em 1979, e foi responsável pela conquista das primeiras melhorias para o local.

Marçola

Surgiu na década de 1960 e, de acordo com a versão de alguns moradores, herdou o nome de Vitório Marçola, um proprietário de vastas áreas na região Centro-sul da capital.

Nos primeiros tempos os moradores enfrentaram enormes dificuldades por causa da falta de infra-estrutura urbana. A água era buscada nas nascentes existentes nas matas das Mangabeiras e as mulheres lavavam roupa no local onde hoje se localiza o estacionamento do parque. A luz chegou por volta de 1973 através de “gatos” puxados da rua Caraça, e a água somente dez anos depois, mesmo assim, por intermédio de ligações clandestinas.

As melhorias na vila começaram em 1968 com a pavimentação de algumas vias. No entanto, é a partir de 1980, com a criação da Associação Comunitária Organizada dos Moradores e Amigos da Vila Marçola, presidida por João Pio, é que a comunidade passa a conquistar mais benefícios.

Cafezal

Uma das ocupações mais recentes do aglomerado, a vila Santana do cafezal se consolidou com a expansão da favela Nossa Senhora da conceição. Estudos da Fundação João Pinheiro indicam que essa invasão foi planejada, com base na ação entre amigos, na qual um morador indicava quem iria e para onde iria, além de dar nome as “ruas” e entregar os lotes aos que se estabeleciam. A vila Cafezal talvez seja hoje a mais organizada.

As primeiras ações do poder público visando melhorias na comunidade ocorreram em 1981, através do Programa de Desenvolvimento de Comunidades – Prodecom - da Secretaria Estadual de Planejamento. A associação dos moradores também foi fundada nesta época com o objetivo de encaminhar as reivindicações da comunidade no Prodecom, fiscalizar o andamento das obras e organizar mutirões dos moradores na execução de melhorias na urbanização. Abertura, calçamento e colocação de meios fios em vias públicas; construção de muros de arrimo; instalação de chafarizes, foram algumas das prioridades definidas em reuniões dos moradores.

Novo São Lucas

É a ocupação mais recente do aglomerado, com início de assentamento em 1990, na rua Dr. Argemiro Resende Costa, que era terreno vago. Em meio a um enorme barranco, os pioneiros foram fazendo seus barracos de lona, sempre vigiados pela polícia que, em muitas ocasiões, usou força para expulsar as famílias.

Em 1991 os moradores engrossaram a luta pela criação do Fundo Nacional de Moradia participando de manifestação a favor de uma política habitacional popular. No ano seguinte, eles criaram a associação comunitária, através da qual conquistam o atendimento de algumas reivindicações, entre elas a instalação de postes de energia elétrica e linha de ônibus.

De acordo com o histórico de vilas e favelas do Aglomerado da Serra o bairro Vila Fazendinha em que a rua da “Terrinha fica situada, faz divisa com Nossa Senhora de Fátima, percebemos pela fala dos alunos e após ver a rua em questão que o local apresenta péssima infraestrutura, o que os moradores mais reclamam é da poeira, do lixo, dos matos, dos insetos como barata, essa realidade desencadeia uma série de problemas para a saúde como

leptospirose, doenças respiratórias devido a queima do lixo, mas os moradores tem esperança de melhorar o local.

Todas as melhorias sociais que aconteceram no Aglomerado começa com a implantação e a luta das Associações Comunitárias junto aos moradores da comunidade.